

## **O ENSINO DA GEOGRAFIA NA PERSPECTIVA DOS SEUS CONCEITOS FUNDAMENTAIS: ESPAÇO, LUGAR, TERRITÓRIO, REGIÃO E PAISAGEM**

**Émerson Dias DE OLIVEIRA**

Doutor em Geografia pela UEL (2019). Professor do Colegiado de Pedagogia das Faculdades Integradas do Vale do Ivaí (UNIVALE), Ivaiporã/PR.  
email: cooperativismopopular@hotmail.com

**Suéllen Mattei PRACZUM**

Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia das Faculdades Integradas do Vale do Ivaí (UNIVALE), Ivaiporã/PR. email: suelenpraczum@gmail.com

**Pâmella Fernanda ROMANO**

Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia das Faculdades Integradas do Vale do Ivaí (UNIVALE), Ivaiporã/PR. email: pamellafernandaromano@gmail.com

**Thawana Proença YAMASHITA**

Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia das Faculdades Integradas do Vale do Ivaí (UNIVALE), Ivaiporã/PR. email: thawanayamashita@hotmail.com

**RESUMO:** A Geografia enquanto uma ciência que se volta em explicar e situar a realidade social está caracterizada por ser destacada quase sempre somente a partir dos anos finais do Ensino Fundamental, sendo que mesmo assim, esta é secundarizada perante as demais disciplinas. Portanto, apenas nos cursos superiores específicos desta disciplina é que os seus conceitos fundamentais passam a serem discutidos mais intensamente. Com isso, ao longo de todo o percurso estudantil, a Geografia se coloca enquanto um saber dissociado da realidade discente, resultando em desinteresse e secundarização da Geografia escolar. Desta feita, o presente estudo traz à tona a importância que a contextualização dos conceitos geográficos possui no ensino desde os primeiros anos de estudo da criança e evidencia o papel do professor neste desafio. Para tanto, coloca-se uma breve discussão acerca dos principais conceitos geográficos, um discurso que busca aproximar o cotidiano discente e as reflexões teóricas desta ciência. Enfim, um desafio que exige toda uma reestruturação da prática docente, do papel da escola neste processo e, principalmente, uma maior atenção nos cursos de licenciatura em Pedagogia, pois é desde a formação do professor (a) que este cuidado deve ser frisado, mostrando a importância que esta metodologia exerce na formação de cidadãos críticos e ciente do seu papel na sociedade.

**Palavras-chave:** Geografia escolar; Conceitos geográficos; Pedagogia; Ensino; Escola.

## **THE TEACHING OF GEOGRAPHY IN THE PERSPECTIVE OF ITS FUNDAMENTAL CONCEPTS: SPACE, PLACE, TERRITORY, REGION AND LANDSCAPE**

**ABSTRACT:** Geography as a science that turns to explain and situate social reality is characterized by being almost always only highlighted from the final years of Elementary School, and even then, this is secondary to the other disciplines. Therefore, only in the specific higher courses of this discipline is that its fundamental concepts are discussed more intensely. Thus, throughout the course of the student, Geography is placed as a knowledge dissociated from the student reality, resulting in disinterest and secondary school Geography. The present study brings to light the importance that the contextualization of the geographic concepts has in the teaching since the first years of the child's study and shows the role of the teacher in this challenge. For this, a brief discussion about the main geographic concepts is presented, a discourse that seeks to approach the everyday student and the theoretical reflections of this science. Finally, a challenge that requires an entire restructuring of teaching practice, the role of the school in this process and, especially, greater attention in undergraduate courses in Pedagogy, since it is since the teacher's training that this care must be stressed, showing the importance of this methodology in the training of critical citizens and aware of their role in society.

**Keywords:** School geography; Geographical concepts; Pedagogy; Teaching; School.

## **LA ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA EN LA PERSPECTIVA DE SUS CONCEPTOS FUNDAMENTALES: ESPACIO, LUGAR, TERRITORIO, REGIÓN Y PAISAJE**

**RESUMEN:** La Geografía mientras una ciencia que se vuelve en explicar y situar la realidad social está caracterizada por ser destacada casi siempre a partir de los años finales de la Enseñanza Fundamental, siendo que ésta es secundarizada ante las demás disciplinas. Por lo tanto, sólo en los cursos superiores específicos de esta disciplina es que sus conceptos fundamentales pasan a ser discutidos más intensamente. Con ello, a lo largo de todo el recorrido estudiantil, la Geografía se sitúa como un saber dissociado de la realidad discente, resultando en desinterés y secundarización de la Geografía escolar. De este hecho, el presente estudio trae a la superficie la importancia que la contextualización de los conceptos geográficos posee en la enseñanza desde los primeros años de estudio del niño y evidencia el papel del profesor en este desafío. Para ello, se plantea una breve discusión acerca de los principales conceptos geográficos, un discurso que busca aproximar el cotidiano discente y las reflexiones teóricas de esta ciencia. En fin, un desafío que exige toda una reestructuración de la práctica docente, del papel de la escuela en este proceso y, principalmente, una mayor atención en los cursos de licenciatura en Pedagogía, pues es desde la formación del profesor (a) que este cuidado debe ser rizado, mostrando la importancia que esta metodología ejerce en la formación de ciudadanos críticos y consciente de su papel en la sociedad.

**Palabras clave:** Geografía escolar; Conceptos geográficos; la pedagogía; la educación; Escuela.

## INTRODUÇÃO

As novas Geografias que são produzidas socialmente no espaço contemporâneo, as quais são dotadas de um dinamismo e complexidade cada vez maior, igualmente exige um tratamento didático-teórico mais integrado acerca de sua abordagem no meio acadêmico e escolar. Este entendimento é uma realidade em algumas regiões do país, no entanto, muito aquém ainda da real necessidade de pulverizar a superação de um ensino geográfico tradicional e de viés eminentemente descritivo. Dado este desafio, o presente estudo buscou estabelecer um resgate teórico em relação a alguns conceitos elementares da ciência geográfica (espaço, lugar, território, região e paisagem), uma reflexão que está voltada em destacar a importância destes conteúdos juntos a compreensão e prática de uma Geografia no e para o meio escolar.

A validade desta abordagem se dá pelo fato de que a Geografia Escolar é tradicionalmente inserida nos primeiros anos do ensino fundamental por profissionais formados em Pedagogia e não os licenciados em Geografia. Assim, constitui-se um quadro bastante desafiador aos professores dos anos iniciais, pois estes profissionais carecem de fazer uso de uma didática polivalente que consiga incluir os vários saberes escolares, nisto inclui-se a Geografia. Portanto, é essencial uma ampliação das abordagens acerca dos principais conceitos geográficos teóricas nas formações destes professores, de forma que se consiga enriquecer a aprendizagem desta ciência por parte dos alunos. Esta necessidade acontece em decorrência de que apenas as discussões dos conteúdos curriculares da Geografia, por meio de documentos oficiais, não asseguram elementos suficientes aos profissionais desta etapa educacional.

Os esforços aqui teorizados buscam contribuir para a identificação de uma Geografia singular, um discurso uníssono que se faz necessário durante toda a vida dos sujeitos, pois o caráter pedagógico-disciplinar não é um fim em si mesmo, ou seja, estes trazem em si um propósito mais abrangente e integrado das realizações humanas. Em relação à Geografia e seus conceitos basilares, esta divisão surge com o intuito de facilitar e aproximar os alunos das várias Geografias, contudo, vale frisar que existe apenas uma Geografia, sendo que as suas divisões conceituais<sup>1</sup> são (ou deveriam ser) apenas técnicas metodológicas de uma explicação mais objetiva desta ciência.

---

<sup>1</sup>Não se deve pensar nos conceitos como algo pronto e acabado e que serve de memorização, pois eles estão em constante construção. Sendo compreendidos dissociados da realidade, os conceitos se apresentam desprovidos de significado, já que eles surgem para possibilitar uma análise da sociedade (LISBOA, 2008, p. 25-26).

Neste sentido, se reflete aqui a discussão de uma Geografia para além do livro didático e as memorizações compartimentadas da Geografia, isto é, uma construção geográfica que esteja alinhada com as tendências pedagógicas progressistas, oportunizando ao alunado a dimensão crítica, a sua autonomia de aprendizagem e o próprio questionamento sobre os conteúdos apresentados nos materiais didáticos e/ou explanado na sala de aula. Portanto, conversar o referencial teórico básico da ciência geográfica é antes de tudo alinhar professores e alunos para propósitos e entendimentos comuns desta dimensão de estudo, uma questão que inclui o aluno e seu próprio contexto/convívio social ao enunciado conteudista dos materiais didáticos, tornando mais prazerosa e dinâmica a tarefa de ensinar-aprender a Geografia.

A construção do presente estudo se deu através da utilização da pesquisa bibliográfica, procurando destacar a estreita relação entre os conceitos fundamentais da Geografia e sua utilização no processo de ensino-aprendizagem, sendo este um esforço que acompanha todo o processo formativo dos alunos. Para Haesbaert (2014), a constelação de conceitos geográficos é na verdade um sistema de conexão, os quais alimentam interdependências entre si, sendo este o posicionamento que se faz omissa na educação escolar contemporânea. Assim sendo, apenas o domínio conteudista docente é insuficiente para uma adequada apreensão pedagógica pelos alunos, pois se faz necessário inserir o 'eu' de cada sujeito na construção da Geografia.

A importância deste debate deve-se ao fato de a Geografia constituir uma área de conhecimento que possui um vasto campo conceitual e está dotado de linguagens próprias. Estes caracteres permitem a existência de "olhar geográfico", isto é, interpretar a realidade com base na espacialidade dos sujeitos. A assimilação dos diversos conceitos e significados geográficos surge enquanto um desafio a ser elaborada de forma gradual pelo educando, uma tarefa que dá no relacionamento das "[...] significações cotidianas e enriquecendo-as pelas significações científicas e, a partir disso, formar novos conceitos que lhe darão nova referência e estruturação" (CALL, 2003, p. 80).

Os apontamentos teóricos aqui levantados apoiam-se em leituras de artigos científicos, capítulos de livros, livros e documentos curriculares, calcado em uma dimensão histórica, dialógica e crítica, com finalidade de sistematização. Procurou-se ainda, ratificar a importância de se consolidar uma Geografia que esteja efetivamente inserida (prático-teoricamente) com a realidade do corpo docente e discente. A pesquisa tem caráter exploratório-descritivo da literatura, com abordagem qualitativa. Conforme, Stumpf (2010), este procedimental caracteriza-se por constituir uma reunião de processos para identificar, separar, e obter documentos de interesse para o estudo, e técnicas de leitura e transcrição de

dados que permitam recuperá-los quando necessário. A autora destaca esta realização como um:

[...] conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2010, p. 51).

Com essa metodologia, pretende-se fortalecer o processo de consolidação de uma identidade geográfica que insira em sua constituição a discussão e aplicação de seus conceitos fundamentais<sup>2</sup>, isto é, aproximar a Geografia academicista da Geografia escolar, sendo que tal processo carece de iniciar-se da maneira mais simples e inteligível possível, ou seja, pela discussão teórica de seus conteúdos. É este o desafio central do estudo, possibilitar a (re)construção destes conteúdos, onde aluno e professor sejam sujeitos ativos neste processo.

A explicação deste cuidado reside no fato de que estas apreensões teóricas perdem o seu sentido quando tratadas isoladamente, portanto, só apresentam sentido quando tratadas interligadas e com uma vinculação às realizações humanas. Com isso, a utilização das teorias geográficas no dia a dia junto ao quadro discente permitirá uma maior produtividade nas experiências e resultados da prática docente.

## **FORMAÇÃO DOCENTE**

A importância do ensino da Geografia nos primeiros anos de estudos trata-se de um atributo que nem sempre é levado em consideração pelas escolas, pois grosso modo, se percebe uma obsessão por ‘adestrar’ os alunos em leituras, escritas e operações matemáticas, um esforço que muitas vezes é imposto de forma descontextualizada ao cotidiano discente. Desta feita, aqui se reflete a importância interdisciplinar que a Geografia assume no meio escolar, capacidade esta que carece fundamentalmente da proatividade do professor. Assim sendo, os fundamentos basilares da Geografia necessitam de serem trabalhados no decorrer da formação destes profissionais, além de serem reforçados/atualizados ao longo da carreira profissional, pois assim como a sociedade muda, as apreensões conceituais também evoluem.

---

<sup>2</sup> Como toda ciência a Geografia possui alguns conceitos-chave, capazes de sintetizarem a sua objetivação, isto é, o ângulo específico com que a sociedade é analisada, ângulo que confere à Geografia a sua identidade e a sua autonomia relativa no âmbito das ciências sociais. Como ciência social a Geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território (CORRÊA, 2005, p. 16).

Neste sentido, é irrelevante a compreensão teórica dos conceitos geográficos se tal conhecimento estiver deslocado da prática docente/discente, pois a Geografia não tem sentido se permanecer fechada nos livros didáticos. A aprendizagem integrativa e vinculada ao vivido do aluno exige uma correção estreitamente vinculada entre a concepção teórica e o dia a dia do aluno, uma vez que é mais fácil entender a partir da realidade e da visão do aluno do que apenas nos esquemas expressos nas apostilas escolares. Este é o desafio do professor, fazer o teórico ter sentido na prática, instigando o aluno a constituir uma concepção crítica sobre os conteúdos, “[...] pois é através da compreensão das múltiplas relações vivenciadas que o aluno construirá conceitos, entendendo que os fenômenos geográficos estão interligados com a natureza e com o homem, no tempo e no espaço” (PITANO; NOAL; 2015, p. 69).

Assim, é na realidade do aluno que se assenta o ponto de partida da atuação docente, um esforço que está muito aquém da simples compreensão conteudista, ou seja, é necessário um atributo do professor que entenda e explique a dimensão local no contexto global. Nesta intencionalidade se busca construir nos alunos a autonomia e a criticidade, um exercício que os ajuda a pensar o papel que eles próprios representam bem como a realidade social que os envolve. Trata-se de uma espécie de leitura do mundo elaborada pelo aluno de forma contextualizada e fundamentada nas literaturas geográficas.

Não se espera que uma criança de sete anos possa compreender toda a complexidade das relações do mundo com o seu lugar de convívio e vice-versa. No entanto, privá-las de estabelecer hipóteses, observar, descrever, representar e construir suas explicações é uma prática que não condiz mais com o mundo atual e uma Educação voltada para a cidadania. (STRAFORINI, 2001, p. 56-57)

Fala-se aqui em uma espécie de alfabetização no/do mundo da criança, uma leitura diferenciada e que abranja diretamente a interação social, cultural, política e econômica que envolve estes estudantes. “É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos)” (CALLAI, 2005, p. 228). Aqui não se propõe a superestimação da Geografia escolar em detrimento das demais disciplinas, mas um esforço conjunto e interdisciplinar que auxilia os processos formativos das crianças, instante em as suas próprias histórias surgem enquanto ferramentas para a compreensão dos principais conceitos geográficos.

Discutir os conceitos teóricos é uma necessidade de vital importância para a construção e consolidação metodológica das disciplinas escolares, uma oportunidade em que

se constituem as hipóteses, problematizações e variáveis do estudo. As ciências em geral apresentam apreensões conceituais, sendo que a Geografia enquanto composição histórica de um saber científico-escolar apresenta como noções centrais as concepções de espaço, lugar, território, região, paisagem e, secundariamente, outros entendimentos atrelados com outras dimensões do saber, como natureza (ou meio), sociedade, rede, escala, globalização, fluxos etc.

É inegável a importância que a Geografia possui no meio social, sendo que indiretamente e de maneira informal esta ciência sempre serviu enquanto método e técnica para a expansão humana. A inserção das ideias geográficas no currículo escolar brasileiro veio acontecer apenas no século XIX, aparecendo de maneira indireta nas escolas de primeiras letras, sendo que já fazia parte dos exames para as faculdades de direito desde 1831. Sua sistematização enquanto disciplina deu-se com a instalação no Rio de Janeiro em 1837 do tradicional Colégio Pedro II. A catalogação disciplinar do ensino da Geografia na matriz curricular do Colégio Pedro II serviu enquanto um ato de reconhecimento e visibilidade da Geografia, uma vez que o Colégio Pedro II ao atuar enquanto instituição modelo de ensino, a Geografia também passou a ser inserida nos currículos das demais escolas do país (VESENTINI, 2013).

A partir de então as várias escolas geográficas (Determinismo ambiental, Possibilismo, Método regional, Teorética, Crítica, **Cultural e Socioambiental**) vão se alternar quanto às formas de abordagem geográfica, cada qual com um entendimento e enfoque próprio nos conceitos fundamentais da Geografia. No entanto, não tal discussão não é o propósito aqui, pois se buscou refletir um entendimento destes conceitos no cenário contemporâneo, bem como a sua aplicabilidade no meio escolar. Sem desconsiderar as contribuições elaboradas pela Geografia teorizada em fins do século XIX e ao longo do século seguinte, é crucial trazer à tona as atuais abordagens conceituais da Geografia, um viés que se volta para a promoção de uma análise profunda e concreta do espaço com seus múltiplos reflexos estabelecidos pelos sujeitos no meio social.

A necessidade de sistematizar as dimensões de estudos geográficos é uma preocupação que está reforçada junto aos Parâmetros Curriculares Nacionais quando se coloca a importância que tem a discussão conceitual. Nestes termos, o conceito é aqui destacado como sendo:

[...] a representação das características gerais de cada objeto pelo pensamento. Conceituar significa a ação de formular uma ideia que permita, por meio de palavras, estabelecer uma definição, uma caracterização do objeto a ser conceituado. Tal condição implica reconhecer que um conceito

não é real em si, e sim uma representação desse real, construída por meio do intelecto humano (BRASIL, 1999).

Trazendo esta questão para a realidade da Geografia escolar, fica evidente a importância que um suficiente arcabouço conceitual apresenta na elaboração do raciocínio geográfico e no desenvolvimento da consciência crítica e cumulativa. Assim, discorrendo acerca dos processos evolutivos da ciência ao longo do tempo, bem como as suas apreensões conceituais, Vesentini (2013) correlaciona esta realização em paralelo ao contínuo processo de transformação e (re)construção que também passa a sociedade em geral, portanto, os conceitos são (re)interpretados para dar conta de explicar os novos desafios sociais. Afinal, a Geografia “não serve apenas para fazer a guerra”, mas também para auxiliar na leitura do mundo.

É válido colocar que no discurso dos conceitos geográficos não se pretende aqui incluir todo o espectro das categorias geográficas fundamentais. Conforme já apontado, estão refletidas algumas concepções, tidas neste ensaio, como estruturantes para apreciação no ensino-aprendizagem da Geografia lecionada no decorrer dos iniciais do Ensino Fundamental na Educação Básica, campo de atuação que se caracteriza pela atuação profissional de professores nas especificidades de Magistério (nível médio) e Pedagogia. Neste sentido, “a apropriação conceitual tem maior sentido quando a compreensão se converte em ação e, sobretudo, em comprometimento ético e político dos sujeitos” (THIESEN, 2011, p. 87).

## **OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS NA GEOGRAFIA ESCOLAR**

Tendo em vista que o espaço geográfico é produto da ação humana, uma estrutura que ganha sentidos diversos em cada contexto social, isto é, tanto pode questionar a alienação como pode ratificar as práticas desiguais hierarquizadas historicamente. Portanto, é significativamente válido o interesse por esta abordagem teórica, uma vez que o propósito da escola tem um embasamento central no papel de formar sujeitos capacitados para perceber e intervir na realidade em que vive. É neste sentido que Geografia escolar contribui no ensino, uma vontade que está para além da descrição e/ou memorização das rugosidades geográficas. O papel desta ciência se dirige no estudo e explicação do mundo, sendo que para tal se faz necessário entender a composição do espaço, surgindo desta feita os conceitos geográficos enquanto métodos que facilita uma explicação multidimensional das Geografias possíveis.

Considerando que o espaço está posicionado como a principal categoria de análise da ciência geográfica, o seu estudo é também fundamental para o ensino de Geografia. Acerca deste conceito, Oliva (1999, p. 46) coloca que “a Geografia, por intermédio de seu objeto de estudo – o espaço geográfico – pode, e deve, oferecer elementos necessários para o entendimento de uma realidade mais ampla”. Portanto, o espaço geográfico compreende uma realidade que se coloca enquanto o caractere balizador da Geografia, resultado da ação e existência humana sobre a natureza, ou seja, esta perspectiva analítica só tem sentido em decorrência da interpretação espacial dos sujeitos, a qual vai sendo constituída conforme a sua evolução geohistórica, tecnológica e cultural.

O entendimento de Corrêa (1982) para o espaço geográfico se dá no sentido de situar este conceito enquanto a estruturação de “um todo”, a partir do qual gravitam as demais categorias analíticas da Geografia, sendo que estas diferentes interpretações geográficas estão em constantes interações<sup>3</sup> uns com os outros. Complementando esta explicação, Santos (1996) reflete o espaço geográfico enquanto um “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (p. 51). É na organização e funcionamento da sociedade, a qual é dotada de processos complexos e dialéticos, que se forjam os sentidos e materialidades do espaço geográfico, sendo que tal entendimento surge como uma ferramenta essencial para a maturação cognitivo-intelectual dos alunos desde os primeiros anos de estudo.

Entretanto, a discussão do espaço na Geografia torna-se muitas vezes uma questão vaga e de difícil mensuração, restando ao papel do professor de situar metodologicamente o recorte de significado que realmente abrange este conceito. Em vista disso, Santos (2002) afirma que esta explicação é “uma tarefa extremamente árdua” e nos ensina algumas considerações em relação a esta problemática.

[...] objeto da preocupação dos filósofos desde Platão e Aristóteles, a noção de espaço, todavia, cobre uma variedade tão ampla de objetos e significações – os utensílios comuns à vida doméstica, como um cinzeiro, um bule, são espaço; uma estátua ou uma escultura qualquer que seja a sua dimensão, são espaço; uma casa é espaço, como uma cidade também o é. Há o espaço nação – sinônimo de território, de Estado; há o espaço terrestre, da velha definição da Geografia, como crosta do nosso planeta; e há, igualmente, o

---

<sup>3</sup> Esta representação é elaborada no sentido de expressar a concepção de que: o espaço geográfico pode ser lido através do conceito de paisagem e/ou território, e/ou lugar, e/ou ambiente; sem desconhecermos que cada uma dessas dimensões está contida em todas as demais. Paisagens contêm territórios, que contêm lugares, que contêm ambientes, valendo, para cada um, todas as conexões possíveis (SUERTEGARAY, 2004, p. 189).

espaço extraterrestre, recentemente conquistado pelo homem, e, até mesmo o espaço sideral, parcialmente um mistério. [...] **O espaço que nos interessa é o espaço humano ou espaço social que contém ou é contido por todos esses múltiplos do espaço** (SANTOS, 2002, p. 150, grifo nosso).

O espaço geográfico é aqui possível de ser apresentado nos mais diversos tipos de objetos do cotidiano discente, um esforço que aponta e se utiliza do próprio vivido do aluno enquanto instrumento didático. Para tanto, é necessária uma análise interdependente e abrangente de fenômenos da sociedade e natureza e suas variadas interações, bem como nas inúmeras escalas e perspectivas (CAVALCANTI, 2006). “O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares” (SANTOS, 2002, p. 153).

Desta feita, construindo a noção de espaço geográfico é possível inicializar o estudo e explicação dos demais conceitos basilares da Geografia, os quais são tidos em diversas literaturas geográficas como apreensões mais operacionais de melhor percepção aos alunos. A vinculação e dinamismo entre estes conceitos, bem como a condição do espaço enquanto estrutura basilar desta funcionalidade é apresentada por Suertegaray (2004), a qual referencia o espaço geográfico como “uno múltiplo”. Metaforicamente a autora utiliza o disco de Newton (Disco das cores) para melhor explicar esta relação, sendo que cada uma das cores do disco resulta na junção das cores que, no caso, torna-se branca, representando sua unidade na multiplicidade, uma lógica que evidencia a representação do espaço geográfico. Assim, fica nítido o dinamismo e vinculação dos conceitos da Geografia, bem como a explicação de que “[...] o espaço não é apenas um receptáculo da história, mas condição de sua realização qualificada. Essa dialética concreta também inclui, em nossos dias, a ideologia e os símbolos” (SANTOS, 1996, p. 101).

Através da assimilação conceitual do espaço geográfico fica possível a evidenciação do significado de lugar, pois igualmente, aqui é utilizada a referência do aluno enquanto materialidade didático-pedagógica. As discussões do lugar enquanto apreensão geográfica está contida na vertente humanista desta ciência em contraposição ao viés neopositivista da Geografia Teorética. O sentido do lugar vincula-se a uma Geografia (humanista) que se assenta na “subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real” (CORRÊA, 2005, p. 30).

A importância e validade do lugar enquanto aprendizagem geográfica nos alunos assume uma particularidade praticamente personalizada ao cotidiano vivido de cada estudante. Para os PCNs de Geografia, os referenciais pessoais e os sistemas de valores que forjam as distintas maneiras de compreender e constituir a paisagem e o espaço geográfico se faz presente no lugar, sendo que cada realidade desta será individualizada em cada sujeito. Igualmente, é por intermédio dos lugares que se dá a comunicação entre homem e mundo (BRASIL, 1999). O que ratifica que as categorias de apreciação geográfica carecem de serem trabalhadas conjuntamente.

O entendimento do lugar surge quando da extrapolação da condição do espaço geográfico, instante em que se atribui um sentimento cultural, particular e muito próprio ao exercício de um determinado ponto no espaço. Na prática o lugar se apresenta como uma apreensão teórica mais concreta que o espaço geográfico, uma vez que é a partir do e no lugar que a produção espacial se realiza. “Assim, o lugar repousa sobre a ideia de um sujeito ativo que deve, sem cessar, tecer ligações complexas que lhe dão sua identidade, ao mesmo tempo em que definem suas relações com seu ambiente” (MARANDOLA JÚNIOR; HOLZER; OLIVEIRA, 2014, p. 110).

Em vista disso, pode-se compreender que as afetividades e simbolismos de cada um podem servir “[...] como leitura inicial, pois o entendimento do contexto do aluno, de como ele se vê, como se reconhece neste lugar, como reconhece os outros, é o primeiro passo para que compreenda outros elementos identitários, em diferentes escalas geográficas (COSTELLA; SHAFFER, 2012, p. 65). Portanto, o lugar é e está em todas as partes, o próprio espaço geográfico só tem o seu sentido evidenciado quando o lugar lhe referencia, pois “[...] o espaço é amorfo e intangível e não uma entidade que possa ser diretamente descrita e analisada. Ainda, de qualquer maneira que sintamos, conheçamos ou expliquemos o espaço, há sempre próximo um senso ou conceito de lugar associado” (RELPH, 1976, p. 08<sup>4</sup>). O lugar seria assim um “mundo de significado organizado” (TUAN, 1983, p. 198), uma vez que “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p. 83).

Assim, o lugar se situa enquanto o referencial dos sujeitos, uma construção que serve de intermediário entre estes e o mundo, “o lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente [...]” (SANTOS, 1996, p. 158). Desta feita, o entendimento de espaço e lugar pela criança possibilita a emersão de

---

<sup>4</sup>Tradução do original: “Space is amorphous and intangible and not an entity that can be directly described and analyzed. Yet, however we feel or know or explain space, there is nearly always some associated sense or concept of place”.

outras possibilidades de análise da Geografia. É o instante de se alterar a perspectiva de estudo que tiveram suas fundamentações a partir do lugar, inserindo neste debate as intersecções dos demais conceitos geográficos que se fazem presentes, a exemplo da paisagem.

Imediato ao sentido de lugar, a paisagem se apresenta como o visível e percebido dos alunos, expressando uma leitura peculiar do espaço geográfico, sendo que a sua significação se dá pela aparência e “história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza de tais recursos” (CALLAI, 2000, p. 97). É nesta explicação que a paisagem se apresenta como um importante método do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, uma ferramenta que permite uma compreensão das dinâmicas visíveis e/ou não que se fazem presentes na paisagem.

Tendo em mente que as atuais teorizações da paisagem abrangem um complexo arcabouço conceitual, é interessante a sua discussão de forma progressiva e contínuos primeiros anos do Ensino Fundamental, abordando inicialmente as nuances estéticas e repousadas da paisagem, uma vez que a paisagem se caracteriza por ser um conceito bastante dificultoso para os períodos iniciais de estudo. Desta primeira apreensão se possibilita o ingresso em verificações subjetivadas que considere particularidades culturais e históricas, uma conjuntura que nem sempre estão explicitamente visíveis na paisagem, pois esta “[...] não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. [...]” é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” (SANTOS, 2008, p. 40).

Desse modo, é possível afirmar que a paisagem é resultado de uma produção cultural no espaço geográfico, uma diversidade que é tanto construída como percebida pelos sujeitos sociais. Logo, a paisagem deve ser analisada com vista nas “[...]dinâmicas de suas transformações e não a descrição e o estudo de um mundo estático. A compreensão dessas dinâmicas requer movimentos constantes entre os processos sociais e os físicos e biológicos, inseridos em contextos particulares ou gerais” (BRASIL, 1997, p. 109). Tal cuidado decorre pelo fato que em seu processo de reprodução social o ser humano produz paisagens próprias em cada realidade, uma distinção que torna múltiplo e peculiar a dimensão perceptiva da paisagem, sendo que esta situação acaba forjando concepções paisagísticas para além da materialidade visível. Este posicionamento da paisagem é colocado na literatura geográfica como o sentido de paisagem cultural, entretanto, existe também a perspectiva natural deste conceito:

Tradicionalmente, os geógrafos diferenciam entre a paisagem natural e a paisagem cultural. A paisagem natural refere-se aos elementos combinados de terrenos, vegetação, solo, rios e lagos, enquanto a paisagem cultural, humanizada, inclui todas as modificações feitas pelo homem, como nos espaços urbanos e rurais. De modo geral, o estudo da paisagem exige um enfoque, do qual se pretende fazer uma avaliação definindo o conjunto dos elementos envolvidos, a escala a ser considerada e a temporalidade da paisagem. Enfim, trata-se da apresentação do objeto em seu contexto geográfico e histórico, levando em conta a configuração social e os processos naturais e humanos (SCHIER, 2003, p. 80).

No entanto, é necessário que a abordagem escolar da paisagem esteja vinculada ao contexto espacial, um cuidado que leve em consideração as diversas escalas geográficas e temporais. Isto se deve ao fato de que a paisagem se caracteriza por ser uma acumulação de lapsos temporais, aonde diversas espacialidades são sobrepostas, sendo esta peculiaridade uma necessidade a ser apresentada quando do estudo da paisagem. É aqui que o aluno começa a identificar traços singulares da paisagem, os quais podem ser identificados apenas no seu “lance de olhar”, uma experiência que pode e carece de ser aperfeiçoada, estimulada e aprofundada, ou seja, uma construção de conhecimento que novamente se utiliza do empírico atrelado a vivência dos estudantes.

Da mesma forma que a paisagem se apresenta como um conceito geográfico atrelado de forma direta ao cotidiano discente, igualmente a região também pode ser abordada neste sentido e do mesmo modo, a região também assumiu entendimentos diversificados conforme os paradigmas da Geografia. Grosso modo, o propósito da região se volta para o exercício e necessidade de explicar os critérios que diferenciam uma determinada área. Para Haesbaert (1988, p. 25), a região é um limite “[...] (não-institucionalizado como Estado-nação) de identidade cultural e representatividade política, articulado em função de interesses específicos, geralmente econômicos, por uma fração ou bloco regional de classe que nele reconhece sua base territorial”.

Vale destacar que este entendimento é apenas uma das inúmeras interpretações conceituais que a região possui, aliás, esta discussão é extremamente antiga na Geografia, pois acompanha esta ciência desde sua gênese, sendo que a sua significação (região) foi sendo moldada em conformidade a evolução científica desta disciplina. Apesar de alguns autores chegarem a afirmar que com os processos homogeneizantes da globalização tender-se-ia a extinguir o sentido e validade da região, Santos (1999) afirma a continuidade do fenômeno da região ao destacar que “[...] nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, individualização e regionalização” (p. 16). A

globalização exerceu sim influências neste contexto, contudo “a região continua a existir, mas com um nível de complexidade jamais visto pelo homem” (SANTOS, 1999, p.197).

De acordo com Lencioni (2003), é no ponto intermediário entres o local e o global que se situa a instância da região, uma vez que esta última surge enquanto um fenômeno que permite a análise de várias possibilidades de recortes. Esta peculiaridade vai ao encontro da atual conjuntura planetária, haja vista que é nítido uma ressignificação do papel do Estado com suas limitações fronteiriças mais instáveis, instituições políticas e financeiras que operam em perspectivas mais ampliadas, restando na escala regional à materialização de inúmeras espacialidades de exercícios globais. O entendimento da região pode ser compreendido “[...] como uma construção mental, individual, mas também submetida à subjetividade coletiva de um grupo social, por assim dizer, inscrita na consciência coletiva” (LENCIONI, 2003, p. 155).

A lógica da região acontece por intermédio de uma ação ‘regionalizadora’ atribuído pelo homem, contexto em que são atribuídos critérios comuns e identificáveis em uma unidade de análise previamente considerada. É com base em uma homogeneidade instituída por um sujeito social, podendo estar imbuído em interesses múltiplos (político, natural, jurídico, escolar, científico, religioso, entre outros), que a região é seccionada. A região é, portanto, o resultado de uma vontade interpretativa e que está pautada em um viés administrativo e burocrático. Enquanto ferramenta analítica do espaço a região permite compreender o produto das inúmeras determinantes e das contradições materializadas no espaço, uma observação que se dá no interior do assunto centro e periferia. Isto é, as várias regionalizações do espaço ficam evidenciadas na prática escolar dos alunos, favorecendo a compreensão e questionamento desta questão.

Outro conceito central na Geografia escolar é o território, o qual se apresenta na realidade dos estudantes de forma espontânea e que ao ser devidamente fundamentado, facilita o aprendizado da Geografia. O estudo do território trata-se de um esforço polissêmico e que se faz presente em diferentes áreas do saber científico, desde a Etologia, da qual surgiram as formulações iniciais sobre territorialidade, passando pela História, Ciência Política, Antropologia e Sociologia, até ancorar na Geografia e lhe servir enquanto um conceito basilar. Mesmo na Geografia, o território tem interpretações diversas, indo desde um viés jurídico, social e cultural, até mesmo a perspectiva da afetividade, ou seja, uma variedade múltipla de explicações que estão mediadas na apropriação, dominação, ocupação ou posse de uma dada parcela do espaço. “Dessa relação, emerge a fragmentação do espaço com distintas

funções, cuja organização, gestão, manutenção ou, mesmo, reorganização conjugarão interesses dos atores envolvidos” (DANTAS; MORAIS, 2008, p. 05).

Igualmente aos demais conceitos geográficos, o território também apresenta uma relação estreita com o espaço geográfico. O território em si tem o seu surgimento a partir do espaço, um entendimento que é pontuado por Raffestin:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por atos sintagmáticos (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço. [...] O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si. [...] Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações. (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Portanto, o território é um produto geohistórico que se expressa por limites do espaço em que são exercidos vínculos de poder e afeto, sendo que desta conjuntura é forjada o enraizamento e a identificação com estes recortes por parte dos grupos sociais envolvidos. Assim sendo, o território é “fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2006, p. 78), uma realização social que, concomitantemente, ali finalidades simbólicas e funcionais por intermédio do uso que se faz sobre estes fragmentos do espaço. O território “materializa o espaço e suas representações são marcadas por toda uma infraestrutura, pelas forças de trabalho e pelas relações de produção, em suma, pelos modos de produção” (RAFFESTIN, 1993 p. 144).

Assim como o lugar, o território acaba também perpassando a dimensão da subjetividade, uma vez que ele ganha um valor simbólico a partir de seu uso, o “território usado” nas explicações de Santos (1994). Com isso, pode-se compreender que o tipo de uso, bem como o controle efetuado sobre o espaço é uma forma simplificada de explicar e abordar a concepção de território no meio escolar, sendo que nesta concepção se inserem tanto os aspectos intangíveis como os concretos da realidade social. Afinal, a multiplicidade territorial “[...] desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais

‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (HAESBAERT, 2006, p. 95-96).

É o homem enquanto agente social ativo, entremeio a realidade preexistente (espaço), quem produz, define e conduz os múltiplos territórios. Nesta dinâmica se faz presente um jogo de forças e interesses, isto é, as inúmeras territorialidades que se sobrepõem temporalmente no território e tem como resultado o processo da territorialização<sup>5</sup>. Portanto, o território não é uma realização social estática e imobilizada no espaço, este é um processo dialético que contraditoriamente depende das forças extraterritoriais, ou seja, a disputa aparece enquanto um elemento que tanto fortalece como também sobre novas territorialidades no território original. Assim, é perfeitamente possível apontar e explicar no cotidiano social os inúmeros processos territorializantes que estão visíveis no território presente, uma reflexão complexa e ao mesmo tempo interessante no meio escolar.

Diante disto, percebe-se que a inclusão dos conceitos geográficos na sala de aula é uma proposta que depende fundamentalmente da iniciativa do professor responsável, um esforço que tem tanto o material didático como o cotidiano discente como instrumentos de aprendizagem. A compreensão prático-teórica destes principais conceitos geográficos surge assim como uma ferramenta para compreensão do mundo, uma tarefa que carece de ser abordada de forma integrada junto aos demais conceitos geográficos, além de que, estes apenas ganham um real sentido quando correlacionados às realidades humanas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas reflexões elaboradas ao longo deste estudo foi possível discorrer uma breve reflexão acerca da importância que a Geografia escolar apresenta junto aos demais ensinamentos das crianças, um cuidado que carece de ser considerado desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Para tanto, faz-se necessário uma adequada aprendizagem dos conceitos geográficos por parte dos professores, uma atenção que ganha validade no sentido em que os profissionais que atuam nesta modalidade de ensino nem sempre possuem uma formação geográfica significativa. Com isso, é essencial uma discussão mais elaborada acerca dos principais conceitos geográficos.

---

<sup>5</sup>[...] processo de reorganização social que implica: 1) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; 2) a constituição de mecanismos políticos especializados; 3) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; 4) a reelaboração da cultura e da relação com o passado (OLIVEIRA, 1999, p. 20).

A importância deste cuidado deve-se ao fato de que a Geografia enquanto uma ciência social exerce um ampliado protagonismo na formação de sujeitos críticos e conhecedores da sua função na sociedade, pois embora os alunos desta fase escolar ainda não estejam dotados de autonomia, a construção desta capacidade ganha um reforço acentuado pela colocação contextualizada dos conceitos geográficos. É aqui que se permite construir as primeiras leituras e entendimentos da lógica social, um modelo de ensinamento que facilita a assimilação pedagógica pelo fato de estar diretamente correlacionada com o cotidiano discente.

As histórias e Geografias das crianças ganham validade significativa neste processo, isto é, o lúdico e as brincadeiras infantis estão intensamente geografizadas, surgindo assim momentos e oportunidades essenciais para o debate e construção dos conceitos geográficos. Portanto, o espaço geográfico, o lugar, a paisagem, a região e o território são concepções que permeiam e se fazem presente neste período educacional, cabendo ao docente a tarefa de evidenciar tais percepções, bem como instigar essas reflexões nas diversas atividades pedagógicas deste contexto educativo.

No entanto, este cuidado pedagógico não é uma preocupação que está restrita apenas ao professor (a) do Ensino Fundamental, é também um cuidado que carece de ser partilhado em todo o meio escolar, nos nivelamentos que estes profissionais frequentam ao longo do ano, nos instrumentos legislativos desta modalidade de ensino e, principalmente, nos cursos de licenciatura em Pedagogia. Ou seja, a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Geografia e História deve inicializar esta atribuição, isto é, formar profissionais capazes tanto de fazer a leitura do mundo de forma contextualizada como também transmitir no seu exercício profissional esta metodologia de ensino.

**Trabalho enviado em março de 2019**  
**Trabalho aceito em maio de 2019**

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais/Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1999.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares nacionais:** História e Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALL, M. M. P. **Os conceitos fundamentais de Geografia:** uma análise dos livros didáticos. Boletim Gaúcho de Geografia, v. 29, n. 01. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRS, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38745/0>. Acesso em 19 abr. 2019.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

\_\_\_\_\_. **Aprendendo a ler o Mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Cad. Cedes. Campinas, vol. 25. n. 66. p. 227-247. maio/ago. 2005.

CAVALCANTI, L. S. Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuições de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELAR, S. (Org). **Educação Geográfica: teorias e práticas docentes**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTELLA, R. Z.; SHAFFER, N. O. **A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012.

CORRÊA, R. L. Espaço Geográfico: algumas considerações. In: \_\_\_\_\_. **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. 5ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 1982.

\_\_\_\_\_. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DANTAS, E. M.; MORAIS, I. R. D. **Território e territorialidade: abordagens conceituais**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Biblioteca Central Zila Mamede, Natal/RN, 2008.

HAESBAERT, R. **RS: Latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

\_\_\_\_\_. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.

\_\_\_\_\_. **O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2 ed., 2006.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 2003.

LISBOA, S. S. **A Importância dos Conceitos da Geografia para a Aprendizagem de Conteúdos Geográficos Escolares**. Revista Ponto de Vista, v. 4, p. 23-35, 2008.

MARANDOLA JÚNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs). **Qual o espaço do lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

OLIVA, J. T. Ensino de Geografia: um retardo desnecessário. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 34-49.

OLIVEIRA, J. P. **Ensaio em Antropologia Histórica**. UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

PITANO, S. C.; NOAL, R. E. **O ensino da Geografia a partir da compreensão do contexto local e suas relações com a totalidade**. Geografia ensino & pesquisa, v. 19, p. 67-78, 2015.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RELPH, E. C. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: EDUSP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: EDUSP, 2008. HUCITEC, 1988.

\_\_\_\_\_. **Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

\_\_\_\_\_. “O retorno do território”. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. & SILVEIRA, M. L. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SCHIER, R. A. **Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia**. Revista RA’EGA, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. Editora UFPR.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia: Conceitos e temas**. – 7ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo**. 2001. 155f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. (p. 51-61) 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SUERTEGARAY, D. M. A. Ambiência e pensamento complexo: ressignific(ação) da Geografia. In: SILVA, A. A. D.; GALENO, A. (Org.). **Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

THIESEN, J. S. **Geografia escolar: dos conceitos essenciais às formas de abordagem no ensino**. Geografia. Ensino & Pesquisa (UFSM), v. 01, p. 85-96, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência** (Trad. Livia de Oliveira). São Paulo: Difel, 1983.

VESENTINI, J. W. (Org). **O Ensino da Geografia do Século XXI**. 7ª Ed. São Paulo. Ed. Papirus. 2013.